

A outra história do socialismo: Éliphas Lévi e o diálogo entre ocultismo e revolução social

Alexandre Sugamoto e Silva¹

Resumo: Com foco nos dados biográficos e na obra do ocultista francês Éliphas Lévi (1810-1875), este trabalho procura demonstrar que a historiografia consagrada sobre o socialismo tem privilegiado uma narrativa unilateral que relaciona a busca por justiça social à secularização- em seus aspectos produtivos e materiais- enquanto desconsidera o papel central das manifestações espirituais na dialética desses acontecimentos. Diversas pesquisas modernas, especialmente aquelas voltadas para a França do século XIX e amparadas em amplas fontes documentais primárias, têm problematizado as supostas incompatibilidades entre modernidade e religião, e mesmo as noções de secularização e “sociedade secular”, e analisado a efervescência espiritualista como elemento indissociável das transformações sociais contemporâneas. Desse modo, personagens insuspeitados de movimentos com cariz espiritual-revolucionário do *fin de siècle* têm recebido uma nova atenção por parte de historiadores e especialistas em religião. Analisar algumas ideias desses personagens, e aqui privilegiaremos Éliphas Lévi, pode lançar luzes sobre relações pouco estudadas na história das ideias sociológicas.

Palavras-chave: Éliphas Lévi, Socialismo, Ocultismo.

INTRODUÇÃO

O campo da História, como argumenta Paul Veyne (VEYNE, 1982, p. 25-9), é indeterminado, nele podendo ser incluído tudo quanto se possa saber que, de fato, aconteceu – conquanto seja possível sabê-lo. Neste oceano de dados potencialmente historicizáveis, existem aqueles que Veyne (VEYNE, 1982, p. 28) chama de não-factuais, que seriam aqueles de cuja historicidade não temos (ainda) consciência, tal como a história das mentalidades, da loucura etc. É com base em tais considerações que Veyne argumenta que o campo da História geral ou da História (com H maiúsculo) não existe, existindo apenas, assegura-nos, uma “história de...”. Assim, história seria uma ideia-limite:

Um acontecimento só tem sentido dentro de uma série, o número de séries é indefinido, elas não se ordenam hierarquicamente e veremos que também não convergem para um geometral de todas as perspectivas. A ideia de história é um limite inacessível ou, antes, uma ideia transcendental (VEYNE, 1982, p. 34).

Assim, para Veyne, a narrativa histórica caracteriza-se necessariamente pela sua natureza lacunar: os historiadores, tecelões desta trama (com liberdade para selecionar uma multiplicidade de eventos que não possuem uma articulação natural), recortam, a seu modo, os documentos, fontes e mesmo personagens a serem historicizados, construindo, assim, uma

1 Mestrado em Ciências da Religião- PUC Minas, bolsista CAPES, sugamoto@gmail.com

espécie de “cânon” (se podemos assim chamá-lo) de fontes historiográficas a serem constantemente revistas, revisitadas e reinterpretadas. Isso é natural, pois seria impossível tecer uma trama que abarcasse a totalidade. Contudo, tal processo inevitavelmente deixa pontos “de fora”. E, por trás dos critérios de tal seleção, opera uma miríade de hierarquizações, premissas implícitas e agendas. Dessa forma, argumentamos que, assim como existem, na literatura, os contra-cânones, poderíamos, por analogia, falar em um “contracânon” historiográfico, composto pelos documentos, fontes, narrativas e personagens “de fora” das historiografias hegemônicas.

Tendo em mente essas considerações, o objetivo desta comunicação é abordar o “contracânon” da história do socialismo, com foco na figura de Éliphas Lévi.

As investigações de Julian Strube (2016), direcionadas especificamente para a França do século XIX, inserem-se numa linha de estudos que problematiza as supostas tensões entre modernidade e religião e mesmo a noção de secularização e a história da secularização. Ele argumenta que os reformadores sociais pré-1848 eram profundamente religiosos e demonstra como, após 1848, as ideias socialistas desenvolveram-se no âmbito de novos fenômenos religiosos. Seu artigo sobre Éliphas Lévi (2016) ilustra as ambíguas relações entre secularização e socialismo, para além do que as narrativas centradas no marxismo e socialismo científico recortam e privilegiam.

1 ÉLIPHAS LÉVI

Éliphas Lévi Zahed (1810-1875) foi uma figura de grande relevância para o âmbito das chamadas ciências ocultas. Trata-se do abade francês nascido em Paris e batizado como Alphonse Louis Constant, que traduziu seu próprio nome para o hebraico.

Lévi é considerado por muitos como o criador da chamada tradição ocultista. Antes dele, evidentemente, havia, na Europa, alquimia, magia, cabala, etc., tradições muito antigas que não se iniciam no século XIX; contudo, Éliphas Lévi é conhecido por aglutinar ao seu redor muitos dos autores, escritos, textos, que depois formaram aquilo que posteriormente conhecemos como a tradição ocultista do Ocidente (cf. HANEGRAAFF, 2010). Outros autores muito importantes deste período, entre o final do século de XIX e início do século XX, como Papus, Stanislas de Guaita, Helena Blavatsky, Leadbeater, entre outros, de certa forma, direta ou indiretamente, sempre se referem a Éliphas Lévi (STRUBE, 2016, p. 373).

Muito se discute sobre as origens iniciáticas de Lévi, isto é: que motivos o levaram a iniciar uma carreira como professor de magia, tendo em vista que se tratava, primeiramente, de um religioso que seguia a vida sacerdotal, permanecendo católico até o final da vida e rompendo com a própria Maçonaria por suas divergências históricas e irreconciliáveis entre as duas instituições. Segundo algumas fontes, ele começou sua jornada propriamente esotérica quando conheceu um messianista polonês chamado Józef Maria Hoene-Wroński, portador também de uma doutrina matemática idiossincrática (MCINTONSH, 2011, p. 96-7)

Embora Wroński seja um personagem bastante obscuro na história das ideias, cumpre destacar o seguinte: o filósofo francês Gilles Deleuze dedica um capítulo de seu livro “Diferença e Repetição” ao estudo das teorias de Wroński (DELEUZE, 2006, p. 164). Talvez seja difícil pensar num autor mais afastado da tradição esotérica do que Deleuze e, ainda assim, o filósofo francês dedica um capítulo a falar sobre “tradição oculta”, não no sentido puramente lexical “daquilo que está escondido”, mas da matemática “oculta” propriamente dita. Existe, portanto, na história das ideias, um complexo diálogo entre noções e conceitos desenvolvidos no âmbito do misticismo, do esoterismo e do ocultismo e, de outro lado, a filosofia acadêmica e – no que nos concerne aqui – nas doutrinas políticas.

Entretanto, antes de Lévi ter conhecido Wroński na França, ele já havia sido preso por conta de agitações políticas e textos publicados com fortes críticas a certas alas da Igreja Católica. Esses textos já continham um claríssimo tom de crítica social. Para muitos, pois hoje já há uma ampla revisão da vida de Lévi, ele foi antes um autor socialista que conseguiu ver na tradição mágica e cabalística um fator aglutinador para suas ideias, do que simplesmente um esoterista com toques socialistas. Na verdade, pode-se argumentar que ambas as coisas estão entrelaçadas.

Uma experiência que pode ser comum a vários leitores de Éliphas Lévi, sobretudo os não-acadêmicos interessados pessoalmente em ocultismo, é um incômodo com suas referências aos personagens da história francesa: por que, afinal, ele não tratava somente dos mistérios dos números, da árvore cabalística, da luz astral e de outros temas correlatos? A muitos de seus leitores contemporâneos, sobretudo aqueles que não são franceses, tais assuntos certamente interessam muito mais que as reflexões de Lévi sobre Proudhon, Joseph de Maistre e Napoleão Bonaparte. Em outras palavras, sua fixação com o âmbito político-histórico pode parecer um tipo de digressão fora de lugar e desconectada de sua exposição esotérica. Contudo, compreendendo-se o contexto de Éliphas Lévi – e o próprio “contracânon” da história do socialismo – cabe reavaliar essas passagens diante do contexto da história da França e o diálogo de Lévi com aquilo que a tradição marxista tem chamado de “socialismo utópico”. Para o historiador, tal esfera pode até adquirir uma relevância ainda maior do que a da “obra mágica” em si.²

Muitos consideram Lévi um discípulo de Félicité Robert de Lamennais, figura política francesa que se colocou a serviço da causa popular republicana socialista, autor de uma obra chamada *O Livro do Povo* (STRUBE, 2016b, p. 44). Lamennais é uma figura importante da renovação católica, do tradicionalismo, ou neocatolicismo; por essa razão, Lévi insere-se também na chamada tradição neocatólica.

2 É importante considerar ainda que quase tudo quanto Éliphas Lévi escreveu sobre magia e esoterismo tem sido revisado, criticado e superado por acadêmicos e estudiosos de diversas áreas.

2 SOCIALISMO E OCULTISMO

A principal obra de Lévi foi escrita entre os anos de 1854-56: os dois volumes de *Dogma e Ritual de Alta Magia* (*Dogme et rituel de la haute magie*). Em 1861, entretanto, ele escreveu *A Chave dos Grandes Mistérios* (*La clef des grands mystères*) obra de cunho fortemente social na qual o autor intentou criar uma síntese entre justiça social, caridade, religião, ciências ocultas e meios materiais, isto é, entre fé, ciência e política. Logo nas páginas iniciais, Lévi declara:

Diante da caridade, a fé se prostra e a ciência vencida se inclina. Há evidentemente aqui alguma coisa maior que a humanidade; a caridade prova por suas obras que não é um sonho. Ela é mais forte que todas as paixões; ela triunfa sobre o sofrimento e a morte; ela faz compreender Deus a todos os corações, e já parece encher a eternidade pela realização começada de suas legítimas esperanças. Diante da caridade viva e ativa, qual o “Proudhon” que ousará blasfemar? Qual é o Voltaire que ousará rir? (LÉVI, 2018a, p. 15)

Ora, em um livro cujo título menciona Salomão e Hermes Trismegisto, conhecidos patronos da tradição esotérica, por que dedicar uma loa tão apaixonada à caridade, virtude teologal por excelência? Éliphas Lévi não vê contradição entre declarar-se representante de uma ciência esotérica universal ao mesmo tempo em que endossa afirmações sobre a “verdade corrompida” dos paganismos. Trata-se de uma afirmação no mínimo curiosa, dado que boa parte da história teúrgica ocidental deve créditos aos neoplatônicos, como Jâmblico, bem como aos hermetistas e às tradições alexandrinas e egípcias. Lévi, embora não o diga com clareza, dá a entender que se filia àquela espécie de ciência universal, ou *prisca theologia*, no sentido que dão a essa palavra os renascentistas Giovanni Pico della Mirandola e Marsílio Ficino. Essas figuras também não viam contradição entre a ciência cabalística, mistérios esotéricos, Platão e cristianismo. Na verdade, eles já procuravam por uma síntese de todas essas correntes (para um estudo mais completo sobre o tema, cf. YATES, 1995)

Para Lévi, entretanto, a Tradição corresponde à Igreja Católica Romana e a Jesus de Nazaré em sua figura crística. É por meio do cristianismo que essa tradição se manifestaria, e não através de uma tradição atemporal, universal que se manifesta em diversas religiões e adquire tonalidades distintas conforme seus locais e culturas; aqui, todas as tradições se reúnem na religião cristã, especificamente no Catolicismo Romano, já que, mesmo nesse período, havia contendas a respeito da teologia cristã, entre católicos e protestantes. Somente o Catolicismo Romano, para Lévi, unifica e expressa tudo isso, na justiça social.

Apesar das críticas que recebe pela crítica moderna em virtude de sua falta de conhecimento erudito e filológico, a distinção básica de Éliphas Lévi para os demais ocultistas de seu tempo é a ênfase no poder da imaginação. Em seu sistema, a imaginação é combinada com a vontade e, assim, tem-se os quatro verbos mágicos (Saber, Querer, Ousar e Calar) por meios dos quais o homem seria capaz de realizar qualquer coisa. É possível ver nessas ideias, aliás,

um eco do Romantismo Socialista francês. Para Lévi, quando há esse domínio, o homem torna-se apto a expressar a maior das virtudes: a caridade. *N'A Chave dos Grandes Mistérios*, o autor pergunta retoricamente: “Que é Deus para nós, se não o Espírito da Caridade?”.

A seu modo, Lévi critica o materialismo, o ateísmo e certo anarquismo que alguns socialistas na época pregavam como reminiscências da Revolução Francesa.

Enquanto os discípulos de Charles Fourier (outro socialista utópico) entusiasmavam-se com o surgimento das mesas giratórias, fenômenos espíritas que vinham confirmar, segundo eles, as crenças de Fourier sobre a associação universal entre os homens e da síntese entre ciência e religião, Éliphas Lévi lutava contra essas agitações. Para ele, tais fenômenos não passavam de charlatanismo, uma forma de explorar as pessoas, um individualismo que devia ser desmascarado e combatido (LÉVI, 2018b, p. 24).

Portanto, nota-se que mesmo dentro dessas correntes socialistas, que se ligam a algumas formas de espiritualidade, não há um consenso pragmático ou teórico. Fazendo um movimento que lembra muito o dos sansimonianos, o sistema de Lévi foi evoluindo desde uma espécie de coletivismo espontâneo, em que ele chama as massas para despertar, até um outro tipo de coletivismo em que existe uma elite de iniciados, homens e mulheres despertos para a verdade espiritual - e essa elite guia o povo para um coletivismo que culmina em justiça social (STRUBE, 2016, p. 378). Segundo ele, a elite deveria ser formada por aqueles que sabem como funcionam as leis universais e, a partir deste conhecimento e da força da sua vontade e imaginação, podem operar no plano material: uma transformação que culminará num reino de justiça social que, para Éliphas Lévi, é o coroamento daquilo que foi prometido por Jesus Cristo.

A associação universal dos homens e das coisas pode existir porque estaria impregnada na própria Luz Astral (um conceito-chave em sua obra). Segundo Lévi, os movimentos sociais não são meramente sociais, mas dependem também de uma série de forças e poderes que não estão no plano material, submetidos às suas causas - e as causas sociais primeiras são as forças espirituais.

Acerca do pensamento de Éliphas Lévi sobre socialismo, solidariedade e cristianismo é oportuno citar um trecho do Livro dos Sábios, uma obra póstuma:

É pela solidariedade que a caridade se explica. Pois bem, solidariedade e socialismo: última palavra do Cristianismo. É a propriedade de cada um para todos, e de todos para cada um. Então não se definirá mais a propriedade como direito de usar e abusar e se abaterá frente a razão e a moral, esta concepção monstruosa do direito e do abuso. Esta revolução se cumprirá, digo, porque já está realizada no mundo da inteligência e do progresso, que é também o da ciência e o da fé (LÉVI, 2000, p. 14).

O que está antevisto na obra de Lévi é, portanto, o tempo de paz social, justiça social, que está arraigado justamente na tradição do Cristianismo Católico. Há aí um tom messiânico, utópico, escatológico, que lembra em muitos aspectos, os presentes na obra do próprio Karl Marx; em outras palavras, e com outras figuras de linguagem, mas também na promessa de um período vindouro, do que acontecerá após a revolução e de como as coisas se reordenarão após o período revolucionário.

Portanto, faz-se muito interessante (e propomo-la aqui) a inserção de Éliphas Lévi na tradição do chamado Socialismo Utópico e nas histórias do Socialismo.

CONCLUSÃO

Em face de uma realidade complexa e multidimensional, é natural que seja necessário levar a cabo uma “escolha de historiador”, em si, essencialmente diferente da escolha, de, por exemplo, um biólogo, como Marc Bloch argumenta (BLOCH, 2001, p. 52) – assim, o ofício do historiador é precisamente essa tarefa de delimitação. Como também observa Marc Bloch (BLOCH, 2001, p. 61), os sentimentos e emoções também influem na análise histórica, independentemente da distância temporal. Afinal, os historiadores são também motivados por suas próprias vivências e seus interesses e agendas, o que influencia seu processo de leitura e interpretação do passado. Argumentamos que tal é precisamente o caso no que concerne à exclusão ou mísera citação de rodapé destas personalidades aqui mencionadas (de Maistre, Fourier e o próprio Éliphas Lévi), que ficam de fora da narrativa tecida acerca do socialismo como tendência materialista relacionada à secularização da sociedade.

É de suma importância narrar essa história, incluindo como fontes a literatura ocultista do século XIX (que normalmente não é levada a sério) e, assim, tomando-as como *documentos* (LE GOFF, 2003, p. 513) que podem muito nos revelar sobre o ambiental intelectual europeu do século XIX, quando as ideias socialistas se desenvolviam. Fazê-lo lançará luz sobre a relação dos socialismos com as doutrinas espirituais, na esteira dos vários estudos que já problematizam a relação entre modernidade e secularização.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- HANEGRAAFF, Wouter. (2010). *The beginnings of occultist Kabbalah: Adolphe Franck and Eliphas Lévi*. Journal of Clinical Virology - J CLIN VIROL. 107-128.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- LÉVI, Eliphas (Alphonse Louis Constant). *O Livro dos Sábios*. Fonte digital: S.C.A. - Sociedade das Ciências Antigas. Versão para RocketEdition™. eBooksBrasil.com, 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/2341/Acosta1@ibm.net>>. Acesso em: 16 ago. 2024

LÉVI, Éliphas. *A chave dos grandes mistérios: segundo Enoque, Abraão, Hermes Trismegisto e Salomão*. São Paulo: Editora Pensamento, 2018a.

LÉVI, Éliphas. *A ciência dos espíritos*. São Paulo: Pensamento, 2018b.

MCINTONSH, Christopher. **Éliphas Lévi and the French Occult Revival**. State University of New York Press, 2011.

STRUBE, Julian. Socialist religion and the emergence of occultism: a genealogical approach to socialism and secularization in 19th-century France. *Religion*, 46:3, 359-388, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0048721X.2016.1146926>>. Acesso em 15 de maio de 2021.

STRUBE, Julian. The “Baphomet” of Éliphas Lévi: Its Meaning and Historical Context. *Correspondences*, 4, 37-79, 2016b. Disponível em: <<http://correspondencesjournal.com/ojs/ojs/index.php/home/article/view/39/39>>. Acesso em 21 de junho de 2021.

VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

YATES, Frances. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Cultrix, 1995.